

## **ENTRE OLHARES: UMA EXPERIÊNCIA COLETIVA DE PRODUÇÃO FOTOGRÁFICA**

### **[PHOTOGRAPHIC LOOK: A COLLECTIVE PRODUCTION EXPERIENCE]**

### **[LA MIRADA FOTOGRÁFICA: UNA EXPERIENCIA COLECTIVA DE PRODUCCIÓN VISUAL]**

Em 2019.1, num projeto piloto de disciplina optativa “Comunicação e Cultura(s) Populares” do curso de Jornalismo e também do Programa de Pós-graduação em Comunicação (PPGCOM) da UFC, buscamos, juntamente com ambas as coordenações, integrarmos num só espaço de discussão, reflexão e aprendizado alunos e alunas de Jornalismo e de Pós-graduação (Mestrado e doutorado).

A disciplina apresentou como ementa estudar a Comunicação na cultura. Cultura popular: construção do objeto, conceitos e implicações. Abordagens disciplinas de cultura popular: folkcomunicação, antropologia, história, estética, sociologia e política. A ênfase etnográfica e seu método. Manifestações culturais e sistemas classificatórios. Processos simbólicos nas condições concretas da vida popular. Intersecções e circularidade das esferas da cultura popular e cultura de massa. Os rituais da cultura popular. Ativismo e agentes intermediários da comunicação. Apropriação da mídia da cultura popular: *folkmedia* e *folkmarketing*.

O objetivo foi pensar a problemática da cultura popular e da comunicação a refletir sua representação nos dias de hoje, a reverberar a partir dessa construção os conceitos e fenômenos sociais; Estudar de maneira crítica, multidisciplinar e transdisciplinar o papel que os *media* e os novos dispositivos vêm contribuir para as

mudanças relativas às modalidades de representação, pertencimento e sentidos da cultura popular.

A disciplina contou com 10 (dez) alunos de Pós-graduação e 27 (vinte e sete) de graduação. Foi uma disciplina muito rica por fazer, principalmente, essa inserção e aproximação entre as experiências da Pós-graduação e os alunos da graduação que por ventura começaram, a saber, muito mais da nossa realidade de estudo e de pesquisa. Como atividade prática para os alunos e as alunas de graduação foi solicitado um ensaio fotográfico nos moldes das publicações da Revista Passagens – periódico científico do PPGCOM-UFC – cumprindo assim, a formação e o aprendizado conceitual vivenciado na disciplina, com o intuito também desse material ser registrado na nossa revista, buscando, cada vez mais essa integração.

Eis, portanto, abaixo, o resultado desse esforço, a quem agradecemos, principalmente, aos estudantes que participaram dessa ideia. Agradecemos também ao editor desta sessão e da Revista Passagens, professor Elinaldo Meira, fotógrafo e artista visual, que muito generosamente, lançou olhares e potencialidades na juventude de graduação. Nossa proposta é levar esse projeto de disciplina compartilhada adiante.

Cumprimentos,

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Érica de Oliveira Lima

Docente e pesquisadora do curso de Jornalismo e do PPGCOM UFC

## **ENSAIOS SELECIONADOS**

Nos ensaios a seguir serão apresentadas parte das fotografias produzidas originalmente para a proposta desenvolvida.

**GRUPO DE TEATRO FORMOSURA:****A arte bonequeira permanece viva, por REBECA QUIRINO de Oliveira**

O Grupo *Formosura de Teatro* atua no cenário artístico cearense desde 1985. Oriundo do Grupo Independente de Teatro Amador - “GRITA”, o trabalho iniciou a partir da criação de espetáculos com bonecos, contudo o legado artístico trazido da vivência no GRITA levou o Formosura a ampliar seu campo de atuação. O grupo elabora suas criações a partir da relação do boneco e do atorem cena. A sede do grupo, localizada no bairro Serrinha, abriga os bonecos confeccionados e utilizados nas apresentações, além de ser o local onde os atores e os bonecos se preparam para os espetáculos. Em cada cômodo se encontram bonecos, de diferentes tamanhos, cores, formas e texturas. Cada um traz consigo uma história. Eles não falam, não sozinhos, mas quando se unem a alguém que os manipulem conseguem expressar tudo aquilo que desejam contar. Cada traço, sejam os olhos, a expressão ou a postura dos bonecos é pensada e planejada. Em argila se esculpe aquilo que virá a ser boneco. Se coloca ali de forma material aquilo que está na imaginação. E quando enfim os bonecos estão prontos, chega a hora do espetáculo. Ali, começa a ser contada uma história e o que se vê no final é o resultado de uma bela união entre um bonequeiro e seu boneco.







## BILA, PIÃO E RAIÁ: as brincadeiras de rua que “têm tempo” no Ceará, por SAMUEL PINUSA

É comum passar pelas ruas do Ceará e deparar com grupos de crianças e adolescentes (às vezes até adultos) reunidos brincando. A bola, que é objeto para o ano inteiro, divide protagonismo com alguns brinquedos que surgem em épocas específicas do ano. Do lado de fora das casas e apartamentos — no “meio da rua”, como popularmente se chama — surge o “tempo de raia”, o “tempo de bila” e o “tempo de pião”. A sazonalidade das brincadeiras é algo popular dentro, não só da infância, mas da rotina do povo cearense.









**BANDA BRECHÓ: ensaio fotográfico, por Maria LUANA MACIEL dos Santos**

O Brechó é uma banda de música autoral de gênero popular, formada em 2011 pelos integrantes Coelho de Sá, Tiel Guiné e Basílio de Melo. A criação desse projeto se deu, sobretudo, pelo desejo de fazer música e comunicar, através de canções e poesias, sentimentos de caráter popular.

As composições e os gostos musicais são bem diversos devido as diferentes experiências de vida dos integrantes. Transitam pelo forró, pelo MPB, pelo maracatu, pelo blues, pelo carimbó, pelo reggae, pelo samba e pelo brega, sempre associando suas letras às lembranças culturais e à identidade popular. O intuito é narrar em seus versos a felicidade, o amor, o cotidiano do povo e os aspectos da natureza humana.

Seu maior público são os universitários e os artistas do ramo, mas, o grande objetivo é fazer essa música chegar nas comunidades e ser cantada pelo “povão”. A banda costuma se apresentar em ambientes públicos como praças, barzinhos, saraus e eventos promovidos pela Prefeitura de Fortaleza, como o Festival da Juventude.





**AOS CABELOS DO KABELU, fotos de ROBERT Santos FREITAS**

***texto parte integrante do ensaio fotográfico produzido para o TCC de Sâmia do Nascimento Martins, graduanda em Comunicação Social – jornalismo UFC.***

A palavra 'kabelu', do dialeto crioulo guineense, representa todos os tipos de cabelo independente da carga genética. Dessa forma, fios lisos, ondulados, cacheados e crespos se unem dentro da mesma esfera que formam os cabelos.

No entanto, entender e reafirmar os fios de origem africana se faz necessário para a valorização dessa estética tão violentada. Ser negro(a) e crespo(a) no Brasil ainda é um desafio árduo, apesar de sermos uma população em maioria no país.

Dos cabelos do Kabelu, cada fio conta muita história negra. A iniciativa, desenvolvida como trabalho de conclusão do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC), versa sobre a negritude e o cabelo afro em perspectivas culturais, identitárias e mercadológicas.

Na Cultura, há um resgate histórico da representação midiática do povo negro, além de informações e dicas sobre bons cuidados com o cabelo. Dentro da Identidade se faz necessário olhar para dentro, tratando sobre questões que perpassam a vida de pessoas pretas durante o desenvolvimento, desde a infância.

O Consumo pretende contemplar as questões financeiras, comerciais e capitalistas que se apropriam deste processo e, portanto, merecem atenção. Dando fôlego à aventura, parto rumo à Redenção, no interior do Ceará, para descobrir questões que envolvem os visitantes africanos que aqui vêm estudar e fazer morada — mesmo que breve.

O projeto Kabelu nasce dessa urgência. De uma vontade de ser e reconhecer que somos largos, grandes e cheios de curvas. De olhar em volta e andar feliz sem vergonha alguma. De não receber mais estigmas negativos. De nascer, crescer, envelhecer e morrer com dignidade.

E de buscar dias melhores, com muito volume, claro!











**CULTURA POPULAR EM CANINDÉ: poesia e tradição nordestina na Casa Marreiro, por: ANA Karolina SALDANHA Silva (texto) e GABRIEL CAÚLA Albuquerque (fotos)**

Em andanças pelo centro de Canindé, cidade cearense a 107 km de Fortaleza, é possível encontrar um reduto de cultura popular nordestina. Esse lugar é a Casa Marreiro, fundada em 1937 pelo folclorista Raimundo Marreiro, onde cada recanto carrega símbolos da vida sertaneja.

A loja, hoje comandada pelo filho do fundador, o poeta Natan Marreiro, vende um pouco de tudo: ferragens, artefatos de couro, uma foice de madeira, um revólver gigante e livretos de cordel. Mas o produto mais pedido é gratuito: os poemas do vendedor, que os recita a quem visita a Casa. Dentre as rimas, quase todas são de sua autoria, alternadas entre as do pai, dos frequentadores do armazém e outros poetas famosos.

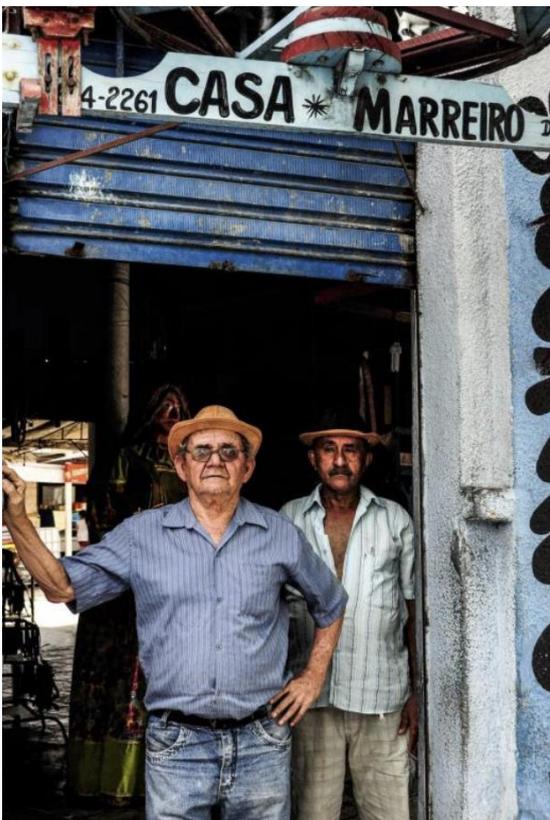
A poesia popular é o que reúne diversas pessoas na boutique. Poetas e cordelistas costumam visitar o lugar para trocar ideia com Natan Marreiro, que é figura amiga de muitos. Dentre eles, estão Pedro Paulo Paulino e Arievaldo Viana, que o anfitrião considera como os melhores do círculo de versificadores. Todo o ambiente é consumido por uma história que envolve cultura popular.

A fachada azul atrai os olhares com facilidade. Em períodos de romaria, a loja chama os turistas mais curiosos, que buscam os produtos diferenciados dos Marreiro, além da coletânea de cordéis de diferentes autores. No topo da Casa, um carrossel – feito de uma roda de carro de boi, com miniaturas de vacas e vaqueiros em cima - que remete ao ofício do vaqueiro, feita em 1955 pelo fundador do local.

Ao relatar a origem dos produtos, Natan Marreiro relembra o pai, que produziu grande parte dos artigos. Um símbolo do folclore de Canindé é a “boneca do Marreiro”, feita por Raimundo Marreiro na década de 1960. Batizada de Gilda, a boneca fabricada a base de gesso e madeira era atração nas festas de São Francisco e, hoje, pode ser encontrada no estabelecimento da família.

Francisco Walber, conhecido como Walbim Piolho, foi um dos condutores da boneca e demonstra apreço pelo folclorista. “Trabalhei com Raimundo e o tive como pai. Ainda hoje sinto falta dele. Na questão da cultura, não tinha outro. O mais procurado de Canindé”, declara.

Imortal da Academia Canindeense de Letras, Natan diz que não acredita que fazer poesia é hereditário, mas tem orgulho de ser filho de quem é. Ao ser perguntado sobre a influência do poeta no folclore da região, responde com a rima de Patativa: “O folclore é um pilão / É um bodoque, é um peão / Garanto que também é / Uma grosseira cangalha / Aparelhada de palha / De palmeira ou catolé”.



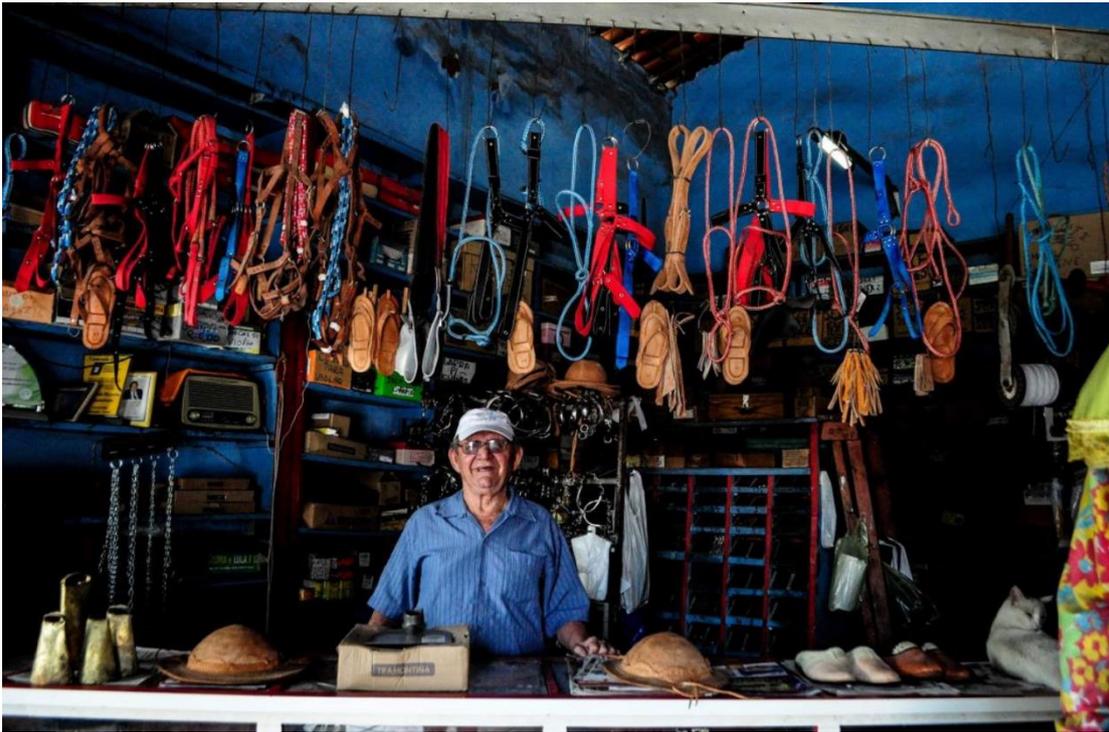
*Natan e os frequentadores na entrada do armazém.*



*Literatura de cordel à venda na Casa Marreiro. Autores como Pedro Paulo Paulino, Gonzaga Vieira, Arievaldo Viana e o próprio Natan Marreiro são alguns presentes na coleção.*



*Boneca Gilda, criada pelo pai de Natan para apresentações nas festas populares de Canindé.*



*Natan é membro da Academia Canindeense de Letras. “É Triste a Quase Menina no Cabaré da Cidade” é o título de um de seus cordéis disponível no Museu Casa da Xilogravura e na Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida.*